

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E AS PRÁTICAS DO LAZER EM CONTATO COM A NATUREZA NO PARQUE ESTADUAL DA CANTAREIRA – NÚCLEO PEDRA GRANDE, SÃO PAULO (SP)



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

César Juliano dos Santos Alves [1]
Sidnei Raimundo [2]

INTRODUÇÃO

A paisagem paulistana cada vez mais se torna artificializada, pelas transformações que a sociedade atual desencadeia no processo de crescimento e desenvolvimento sócio-econômico. A rotina de trabalho e todos os problemas complexos gerados na metrópole paulistana, como trânsito, poluição, entre outros fatores desconfortantes, geram um estresse que envolve o indivíduo e prejudica sua qualidade de vida.

As oportunidades de lazer na cidade são diversificadas e numerosas, porém, devido ao crescimento urbano, os espaços naturais dentro da cidade, cada vez mais estão ausentes na paisagem. Essas áreas estão concentradas em poucos bairros na forma de parques urbanos e tem oferecido uma importante função de lazer e recreação para os cidadãos que buscam nessas áreas uma maneira de re-encontro e ligação com a natureza. Com infra-estrutura dirigida principalmente às práticas esportivas e sociais, o que diferencia, portanto, esses equipamentos de lazer de outros equipamentos da cidade, é a oportunidade de um contato direto com uma paisagem natural (pouco transformada) totalmente diferente da paisagem que os paulistanos estão acostumados a vivenciar.

O objetivo do presente trabalho foi analisar o indivíduo no momento em que visita o Parque Estadual da Cantareira – Núcleo Pedra Grande, localizado no

extremo norte da cidade de São Paulo e abarcando parte do município de Mairiporã, estado de São Paulo (SP). Trata-se de um importante remanescente de floresta nativa na Região Metropolitana de São Paulo. Procurou-se identificar as interações e as descobertas que os freqüentadores do parque fazem no contato com a paisagem, nesse momento de contato com a natureza. Buscou-se avaliar nessas interações dos indivíduos com o parque, a construção de um espaço vivido, que podem criar laços afetivos.

A paisagem do Parque Estadual da Cantareira, seus atrativos cênicos, a fauna e a flora típica da Mata Atlântica e a infra-estrutura de trilhas para passeios, proporcionam um importante equipamento de lazer em contato com a natureza para o paulistano, possibilitam a interação do indivíduo com esse meio e a vivência em espaços naturais. A pesquisa apresentada teve como fomento o programa de iniciação científica “Ensinar com Pesquisa” da Universidade de São Paulo.

O lazer em contato com a natureza se torna, então, algo prazeroso, podendo trazer experiências diferentes, saindo da temática das atividades realizadas diariamente pelo cidadão. O contato com uma paisagem totalmente diferente da habitual faz com que sejam manifestados por meio de ações, os sentidos e os sentimentos que o indivíduo urbano tem em relação a esse meio que está vivenciando. Dessa forma, essa interação tende a se tornar uma experiência interessante, tendo como pressuposto um novo desenvolvimento do indivíduo, que poderá construir uma percepção diferenciada nesse meio, através de significados e valores que irá construir a partir dessa vivência.

Devido ao estilo de vida desempenhado por cada indivíduo, a busca por práticas de lazer se diferem, de acordo com o interesse que o mesmo tem em realizar essas práticas, sendo assim, a percepção ambiental dos visitantes que frequentam o P. E. Cantareira variam, a partir de seus significados e valores atribuídos a esse espaço. Tal interesse e a busca de um tipo de vivência que traga mais familiaridade por parte do visitante podem gerar uma identidade com o Parque,

criando alguns laços *topofílicos*, transformando-o em um lugar para quem o vivencia.

A percepção e as diferentes funções do lazer foram investigadas e aprofundadas no desenvolver do presente estudo, para a caracterização do fenômeno estudado, que é a prática do lazer em contato com a natureza. Para isso, foi utilizado o método fenomenológico. E a partir desse método, ao estabelecer a relação entre o visitante e as características que o levam a visitar o Parque, sua experiência e suas percepções, pode-se traçar um perfil do visitante e o tipo de função que a prática do lazer proporciona no momento de visitação.

A PESQUISA QUALITATIVA, A FENOMENOLOGIA E O LAZER – AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

O presente trabalho utilizou-se da pesquisa qualitativa como base metodológica para o seu desenvolvimento. Vista como um novo paradigma nas ciências sociais. Esse tipo de pesquisa nasceu em oposição ao positivismo clássico, que vê o conhecimento científico como uma fotografia do real, objetiva e neutra, correspondendo ao único conhecimento infalível e verdadeiro (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSNAJDER, 1999). A crítica ao positivismo parte dos filósofos e pensadores sociais, a partir da segunda metade do século XIX, pois entendiam que a vida social humana, comparada com as ciências físicas, além de incorreto, podia destruir o que representa a essência da vida social humana (SANTOS FILHO, 2000). Apoiada nessas premissas, a técnica da pesquisa qualitativa justifica-se, principalmente por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999).

Essa nova forma de pesquisa, construída a partir da década de 1980, torna-se um novo paradigma, chamada por diversos trabalhos e publicações de “paradigma qualitativo”. A pesquisa qualitativa tem como característica a interpretação, pois parte do pressuposto que as pessoas investigadas agem em função de suas crenças, percepções sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, que não é desvendado de modo imediato.

(ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSNAJDER, 1999). Empregando esse tipo de pesquisa, pode-se descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais com maior profundidade. (RICHARDSON, 1999). De acordo com Moreira (2004) a pesquisa qualitativa, como diz o nome, trabalha predominantemente com dados qualitativos, que são dados coletados pelo pesquisador que não são expressos em números, ou então os números e as conclusões neles baseados não representam o principal papel na análise. Porém, a pesquisa qualitativa ainda não tem um grande destaque que deveria ter. Muitos pesquisadores a evitam, em nome de uma pretensa neutralidade científica e de um rigor metodológico mais próprio das ciências naturais (MARIOLI, 2008). A tradição experimental e dos grandes levantamentos amostrais ainda conservam esse ponto de vista, no entanto a pesquisa qualitativa vai abrindo seus próprios caminhos (MOREIRA, 2004).

Das correntes filosóficas nascidas da crítica ao positivismo, buscando uma ciência mais comprometida com as transformações sociais, a fenomenologia nasce, a partir da obra de Husserl, como um dos movimentos mais importantes e fascinantes do século XX, cujo objetivo básico é a investigação direta e a descrição dos fenômenos como experimentados na consciência (MARIOLI, 2008). O propósito principal então é de estudar os fenômenos da experiência humana, sendo que os fenômenos estudados são aqueles vivenciados nos vários atos da consciência. O estudo das aparências e descrição da experiência é um método filosófico restrito à análise dos processos intelectuais dos quais, introspectivamente, somos conscientes (MARIOLI, 2008). Para Merleau-Ponty (1999), a principal aquisição da fenomenologia foi a união do extremo subjetivismo com o extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade. Segundo o autor, a racionalidade é exatamente proporcional às experiências nas quais se revela, sendo que as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam e um sentido aparece. O foco da investigação fenomenológica está então na análise dessa noção de mundo e da experiência vivida de fenômenos particulares no nosso cotidiano (MARIOLI,

2008). Para Gil (1999) a fenomenologia ressalta que o mundo é criado pela consciência, o que implica a importância do reconhecimento do sujeito no processo da construção do conhecimento.

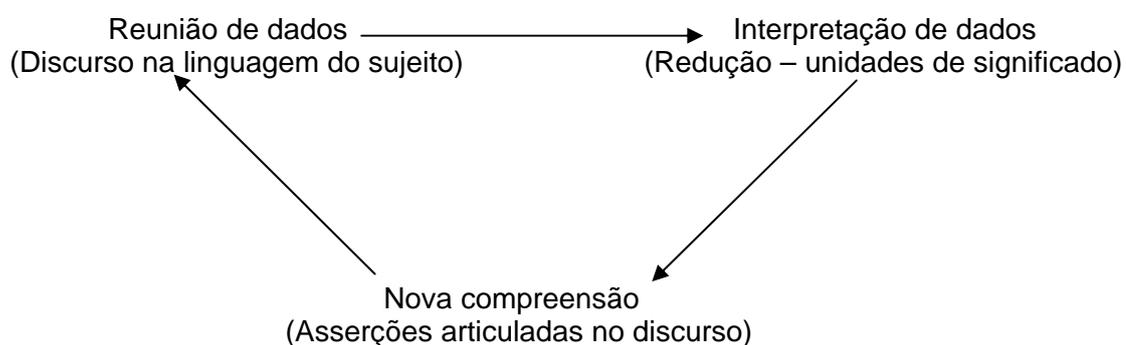
A fenomenologia propõe o estudo do fenômeno, que para Moreira (2004), se dá pelo mundo percebido, especificamente através dos nossos sentidos de um dado objeto, no qual é a percepção desse objeto que se torna visível à nossa consciência. Com isso, pode-se captar a essência que seria a maneira que caracteriza o aparecer de um fenômeno, sendo aquilo que é inerente ao fenômeno sem o que ele não é mais o mesmo fenômeno (MOREIRA, 2004). A característica de uma essência é exposta pelo mesmo, sendo que

As essências, portanto, referem-se ao sentido ideal ou verdadeiro de alguma coisa, dando um entendimento comum ao fenômeno sob investigação. Emergindo tanto isoladamente como em relação umas às outras, as essências são unidades de sentido vistas por diferentes indivíduos nos mesmos atos ou pelo mesmo indivíduo em diferentes atos. As essências representam as unidades básicas de entendimento comum de qualquer fenômeno, aquilo sem o que o próprio não pode ser pensado. (MOREIRA, 2004, p. 84)

Nesta perspectiva, Merleau-Ponty (1999) define a fenomenologia como o estudo das essências, e todos os problemas, segundo o autor, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, como exemplo. A investigação do lazer como ele é vivenciado pelo indivíduo que o pratica, possibilita uma compreensão mais detalhada do seu significado e o que motiva sua prática, através da percepção que o mesmo tem da realidade e do mundo vivido, através da construção do pensamento sobre o fenômeno experienciado na sua consciência. Assim, o estudo do fenômeno é que possibilita o conhecimento humano. Qualquer fenômeno dado pode ser objeto de investigação, e as ciências sociais aplicadas trabalham apenas com fenômenos (PANOSSO NETTO, 2005).

A fenomenologia propõe o método fenomenológico da pesquisa qualitativa, onde existem várias correntes do pensamento, a partir da obra de Husserl. Para o

presente trabalho foram escolhidos os pressupostos da fenomenologia hermenêutica, que para Panosso Netto (2005) segue os seguintes passos: descrição, invariantes e essências. Originalmente, a hermenêutica se referia à interpretação de textos, porém passou a significar o conhecimento do contexto, necessário para a interpretação de eventos, esse processo de interpretação implica em um constante movimento entre as partes e o todo, não havendo começo absoluto nem ponto final. (SANTOS FILHO, 2000). Panosso Netto (2005, p.119) propõe o seguinte modelo estrutural dessa análise:



O método é um posicionamento do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa, devendo o mesmo se livrar de todos os conceitos e conhecimentos que tem do objeto estudado. Essa “suspensão” de juízos é a prática da “redução eidética”, ação fundamental do método fenomenológico (PANOSSO NETTO, 2005). A redução eidética é necessária para depurar o fenômeno de tudo que não é essencial, ou seja, essa redução é a busca da essência do fenômeno que sem ela o fenômeno é impensável (MOREIRA, 2004).

As técnicas utilizadas para a coleta de dados são as principais técnicas da pesquisa qualitativa, a observação assistemática e entrevistas dirigidas à população estudada. Foi utilizada a amostragem intencional para compor o público-alvo, em função da população envolvida, a de não existir variáveis pré-definidas. Esta amostragem foi definida até a “saturação teórica”, ou seja, após a realização de pelo menos trinta entrevistas, as novas entrevistas, com a experiência já adquirida das

anteriores, assegurarem que no decorrer do desenvolvimento da pesquisa não surgiriam assuntos que agregassem novos conhecimentos [1] (CHENITZ; SWANSON apud MARIOLI, 2008).

Percepção ambiental e valoração da paisagem

Cada indivíduo adquire, ao longo de suas vidas, experiências que vão sendo dotadas de valores e significados. Para Tuan (1983), essas experiências são constituídas de sentimentos e pensamentos. Para esse autor, o sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas, mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência (TUAN, 1983). A experiência é dotada de sensações que permitem ao ser humano perceber o ambiente em que vive, utilizando-se dos sentidos, desenvolvendo a percepção que o indivíduo tem do meio ambiente. A percepção é uma atividade flexível, lidando com informações recebidas mutuamente, que no curso da vida diária se adaptam continuamente ao meio que as cerca (MACEDO et al., 2005). A percepção ambiental pode ser entendida como a investigação dos estímulos, reconhecendo o indivíduo como parte integrante da cena, sujeito ativo na paisagem, sendo que o objetivo das pessoas no ambiente percebido leva a diferentes percepções (MACHADO, 1998). A percepção atua diretamente no processo de cognição ambiental do indivíduo, sendo que Machado a conceitua como um “processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado”. (MACHADO, 1998, p. 2).

Para Tuan (1980), a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Tuan analisa em seu estudo as diferentes percepções de vários povos em relação ao meio onde viveram, e através das suas percepções como foram construindo suas visões de mundo, sua cultura e como essa cultura condicionou a

percepção e os valores das pessoas. Dessa forma, na medida em que a sociedade e a cultura se modificaram com o tempo, as atitudes com o meio ambiente também podem mudar.

A paisagem que compõe o meio ambiente vivido pelo ser humano é também dotada de valores, que Guimarães (2007) define da seguinte maneira:

Podemos dizer que a paisagem ou seus elementos constituintes impressionam o ser humano, e este passa a valorá-la ou a revalorá-la tanto nos aspectos estruturais, setoriais como subjetivos, em razão do acompanhamento das mutações dos ciclos da vida, das idéias e mentalidades de suas épocas, de seus agrupamentos sociais específicos e concepções de modo de vida, de suas experiências de integração e interação única e individual com o meio ambiente. (GUIMARÃES, 2007, p. 25).

Vale ressaltar que a natureza, ou o meio, não são paisagens: a primeira existe em si, a segunda só existe em relação ao homem e segundo a sua forma de enxergá-la (YAZIGI, 2001). A valoração que o ser humano tem da paisagem e seus componentes e a relação que mantém com o meio ambiente percebido influenciam nas ações e condutas de cada indivíduo. Assim, a valoração do meio ambiente depende do contexto e do interesse de uso, podendo ter uma valoração funcionalista, mercadológica ou moral dos recursos ambientais da paisagem, tanto naturais, como construídas.

A paisagem construída da cidade faz com que o indivíduo morador desse espaço, carregue consigo valores e significados que esse meio forneceu ao longo de sua vida, pelas suas diversas experiências e através da percepção que o mesmo tem desse espaço. A paisagem urbana tem formas e objetos muito diferentes dos encontrados na natureza que exigem outra relação e percepção. Contudo, em suas visitas a áreas naturais os indivíduos podem reproduzir o estilo de vida urbana, caracterizado por atividades relacionadas com o trabalho e fazer com que o seu conhecimento esteja apenas associado às experiências vividas nesse contexto urbano. Essa combinação faz com que os valores e os significados do cidadão se

distanciem dos valores e significados que teriam ao vivenciar um espaço natural. A percepção ambiental em áreas naturais pode ser então uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que está inserido, apreendendo a proteger e a cuidar do mesmo (MACEDO et al., 2005).

Com o crescimento das cidades, os espaços naturais foram diminuindo ficando cada vez mais difíceis de evidenciá-los na paisagem urbana. Quanto mais se torna complexa a vida social, mais se distancia o cidadão de um mundo natural e se endereça a um mundo artificial (SANTOS, 1997). De acordo com Serpa (2007), as áreas naturais podem ser procuradas, devido a mitificação da natureza e a busca da “natureza pura”, ou “intocado”, sendo que a natureza nesse contexto é percebida a partir do ato de reflexão humana que o sujeito faz do lugar que ocupa em relação ao ambiente do qual é parte integrante. Com a transformação da paisagem urbana, cada vez mais evidenciada pelos objetos artificiais encontrados nesse espaço, a construção de uma imagem da cidade passa a se diferenciar da imagem existente da natureza. A construção dessa imagem é conceitualizada por Lynch (1960), da seguinte forma:

As imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação à luz dos seus objetivos próprios - seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê. A imagem, agora assim desenvolvida, limita e dá ênfase ao que é visto enquanto a própria imagem é posta à prova contra a capacidade de registro perceptual, num processo de constante interação. Assim, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores por Lynch. (1960, p. 16).

Essa interação entre o observador e o espaço urbano, um espaço artificial, com objetos e formas que caracterizam esse meio, relacionada com a percepção desenvolvida desse observador, que está diretamente ligada aos valores adquiridos, ao longo das suas experiências obtidas na cidade, vão definir a identidade e o significado que esse espaço possui para o cidadão. Para a construção dessa identidade, tem de haver um significado prático ou emocional (LYNCH, 1960).

A experiência em um espaço natural pode então desenvolver outros tipos de percepção a esse cidadão, que não está acostumado a conviver com os elementos que compõem a paisagem dessas áreas. O indivíduo, ao longo de suas vivências nesse meio ambiente onde está inserido e suas experiências, pode manter relações íntimas com esse ambiente, tornando-o um lugar para si. Tuan (1983, p. 151) coloca em seus estudos de espaço e lugar, que o “*espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado*”. Ressalta também que quando o espaço torna-se inteiramente familiar, se caracteriza como lugar. É através da percepção ambiental que são estabelecidas as relações de afeto do indivíduo com o meio ambiente, e, a partir desses laços afetivos positivos, pode acontecer a modificação dos valores ambientais atribuídos pelas pessoas (MACEDO et al., 2005). Sobre a visibilidade do lugar, Tuan expõe da seguinte forma:

Lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detém em pontos de interesse. Cada parada é tempo suficiente para criar uma imagem de lugar que, em nossa opinião, momentaneamente parece maior (TUAN, 1983, p.179).

A construção de uma identidade com o espaço natural é dada de acordo com as relações de afetividade e a intensidade da experiência que o cidadão irá obter nesse espaço e o significado que ele irá atribuir no momento de o vivenciar.

Para Machado (1998), a experiência pode ser íntima e indireta, ou direta e conceitual. A intensidade dessa experiência então irá depender do grau de interação do indivíduo com o meio. Para Neiman (2007) essa afinidade com a natureza pode ser distinta do interesse cognitivo sobre as suas partes, ou do interesse como funciona a fauna e a flora, e a variedade de seus processos naturais. O processo cognitivo então se torna “dinâmico e interativo (pois sofre alterações com o tempo e uma etapa influi na outra continuamente), envolvido na aquisição, processamento, representação, avaliação e geração de conduta para futuras ações comportamentais do indivíduo no ambiente” (SOUZA, 1998, p. 16).

A vivência em espaços naturais pode gerar então, condutas ambientais

positivas, de acordo com os valores e a re-valorização dessa paisagem percebida.

O lazer e o indivíduo urbano

A prática do lazer na cidade está diretamente ligada com a questão do tempo de trabalho e o tempo livre. Na concepção contemporânea de lazer, Dumazedier (2004, p. 31), um dos principais teóricos sobre o tema, define ser a “*oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana*”. Essa definição parte do princípio que o tempo livre não está isento de obrigações e necessidades, sendo que, Marcelino (2002), classifica o tempo em que as práticas de lazer são efetuadas como “tempo disponível”. Nos estudos de Dumazedier (2004), a função do lazer na sociedade diferencia-se em três categorias:

- **Função de descanso:** O lazer como reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas, e particularmente, do trabalho;
- **Função de divertimento, recreação e entretenimento:** o lazer como busca de uma complementação, compensação e de fuga por meio de divertimento e evasão para um mundo diferente, do enfrentado todos os dias.
- **Função de desenvolvimento:** O lazer como forma de desenvolvimento pessoal e social, incita a adotar atividades ativas na utilização de fontes diversas de informação, suscita os comportamentos livremente escolhidos e que visem o completo desenvolvimento da personalidade.

Contudo, qualquer que seja a função, as atividades de lazer são desinteressadas, liberatórias, de escolha pessoal, na busca por algum prazer. (CAMARGO, 2003). Nesse contexto, o lazer é definido da seguinte forma:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 2004 p.34)

Requixa (1971, p.8-9) analisa e conceitualiza o lazer a partir dos valores

emergidos na sociedade contemporânea, dentre os quais, são definidos a seguir:

Valores institucionalizados: o descanso remunerado semanal é um exemplo desse valor que emergiu e se impôs dentro da sociedade. O fim de semana começou a ser valorizado pela possibilidade que oferece para a prática do lazer.

Valorização das idéias: os corpos de idéias vão sendo criados em torno das práticas do lazer. O indivíduo pode procurar uma atividade, como a prática da atividade física, apoiado na idéia da importância do bom estado físico, ou simplesmente porque a atividade lhe agrada.

Valores coisificados: os objetos se tornam ou estão se tornando desejáveis, ou mesmo indispensáveis para a prática do lazer ou complemento para sua prática. Objetos criados pelo homem e utilizados pelo mesmo. A televisão ou um automóvel se torna exemplos disso.

O autor coloca aponta que a vivência com tais valores pode propiciar condições de desenvolvimento pessoal e social. Assim,

o indivíduo através da prática de uma atividade de lazer, é capaz de adquirir novos conhecimentos que lhe permitem uma compreensão diferente daquela que tinha até então, a respeito de determinados fenômenos. Essa compreensão diferente poderá impulsioná-lo a uma nova atitude frente aquele fenômeno. Poderia sua antiga atitude ser já condicionada. [...] toda a atividade que acrescenta alguma coisa ao indivíduo estará permitindo-lhe não apenas o enriquecimento pessoal, mas certamente estará propiciando-lhe condições para reconhecimento de suas responsabilidades sociais. (REQUIXA, 1971 p. 9-11)

Esses conceitos demonstram os variados interesses nas práticas do lazer como uma forma de propiciar o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Porém, o indivíduo urbano tem presente em seu cotidiano uma relação intensa com o ambiente de trabalho, e com o tempo linear. Krippendorf (2003) mostra essa relação da seguinte forma: “de um lado, o homem está sujeito aos estímulos sob a forma da “corrida contra o relógio”, do barulho e do estresse. De outro, tantas coisas são monótonas, sem atrativos, o trajeto para o local do trabalho em si e até mesmo o lazer diário. (KRIPPENDORF, 2003, p.10).

A vida corrida e o ritmo frenético do trabalho produzem nesse indivíduo uma rotina estressante, fazendo com que seu cotidiano seja monótono, e até as possibilidades de lazer se tornem banais. A oportunidade de lazer e contato com a

natureza nas cidades se torna escassa, pelo fato dessas áreas serem suprimidas constantemente, ocasionado pelo crescimento dessas cidades. Para Bruhns (2005, p. 133) a experiência de contato com a natureza se torna mais distante para o indivíduo urbano, “afastando as sensibilidades das pequenas emoções do cotidiano, como uma simples chuva, que já não constitui numa aventura, sendo percebida ou tornando-se apenas um ruído nos compartimentos fechados do trabalho.”

A oportunidade da prática de lazer em contato com a natureza então, pode se tornar uma experiência diferente, sendo que a urbanização causou o rompimento nas relações ser humano-natureza, fazendo com que o indivíduo tenha a necessidade de vivenciar atividades e momentos de lazer na natureza (BAHIA; SAMPAIO, 2005). Neiman (2007) coloca que as atividades de lazer na natureza podem aumentar a conduta e a geração de novas ações ambientais,

Essas atividades, planejadas para despertar o re-encantamento do ser humano pelo meio ambiente, podem promover uma mudança de paradigma social para que critique a ordem econômica, política e cultural, indispensável para uma transformação da consciência e dos comportamentos das pessoas (NEIMAN, 2007, p. 30).

Admitindo-se essas informações, parte-se do pressuposto que os espaços naturais podem contribuir com o desenvolvimento social e pessoal do indivíduo, dependendo de qual a intensão de se praticar as atividades de lazer. E o Parque Estadual da Cantareira constitui-se provavelmente no maior espaço para as práticas aqui descritas. Passa-se, a seguir, a uma breve caracterização dos atributos do parque que possibilitam a vivência e percepção ambiental.

PARQUE ESTADUAL DA CANTAREIRA

O Parque Estadual da Cantareira (PEC) está localizado na zona norte da cidade de São Paulo e se estende para o município de Guarulhos, Mairiporã e Caieiras, constituindo uma das maiores florestas de mata nativa urbana do mundo,

totalizando uma área de 7.916.52 hectares, sendo um importante remanescente natural da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). De acordo com Yazigi (2001), as reservas cumprem um triplo papel para a sociedade: o de reserva da biosfera, o de identidade e o de fundamento da unidade perceptiva, sem o qual a identidade fica comprometida. O PEC é uma Unidade de Conservação (UC) que tem o objetivo básico à preservação dos ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e de beleza cênica, que possibilita a realização de pesquisa científica, o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico [2]. Dentre seus objetivos de proteção e conservação, permite o uso recreativo em determinadas áreas, que compreendem os núcleos de visitação, onde há uma infra-estrutura desenvolvida para a prática de atividades recreativas. Esses espaços constituem uma importante opção de lazer e recreação para os municípios (RAIMUNDO, 2006). O PEC possui quatro núcleos de visitação, Pedra Grande, Águas Claras, Engordador e Cabuçu.

Os núcleos têm seu funcionamento dirigido para escolas, instituições e agências no meio de semana, de forma agendada no começo de cada semestre e fechado para visitação pública. O visitante pode percorrer as trilhas dos núcleos de forma auto-guiada, existindo um monitor de plantão nas portarias para prestar informação ao público. Em dias de chuva os núcleos não abrem, devido à questão de segurança.

O núcleo Pedra Grande foi o primeiro núcleo a ser inserido no P.E. Cantareira, em 1989. Os principais atrativos do núcleo é seu conteúdo cênico, sendo que as paisagens mais procuradas para apreciação e observação encontram-se na Trilha da Pedra Grande, uma trilha funcional com um alargamento de mais de 3 metros e extensão de 9,5 quilômetros. Uma parte do seu caminho é asfaltado, que leva até o mirante da Pedra Grande, e uma extensão que dá acesso ao Lago das Carpas tem seu caminho em terra batida e cascalho. Esses dois pontos são os atrativos da trilha.

O ponto da Pedra grande (Figura 1), localizado a 3,3 km da portaria do núcleo é o principal atrativo e que dá nome ao núcleo. A “Pedra Grande” é uma formação rochosa granítica intrusiva, presente em grande parte do subsolo do P.E.Cantareira. Devido a sua altitude elevada, pode-se avistar grande parte da cidade de São Paulo, havendo um contraste visual entre os elementos da paisagem natural que está compreendida no P.E.Cantareira e o P.E. Alberto Loefgrem e a os elementos da paisagem construída de São Paulo.

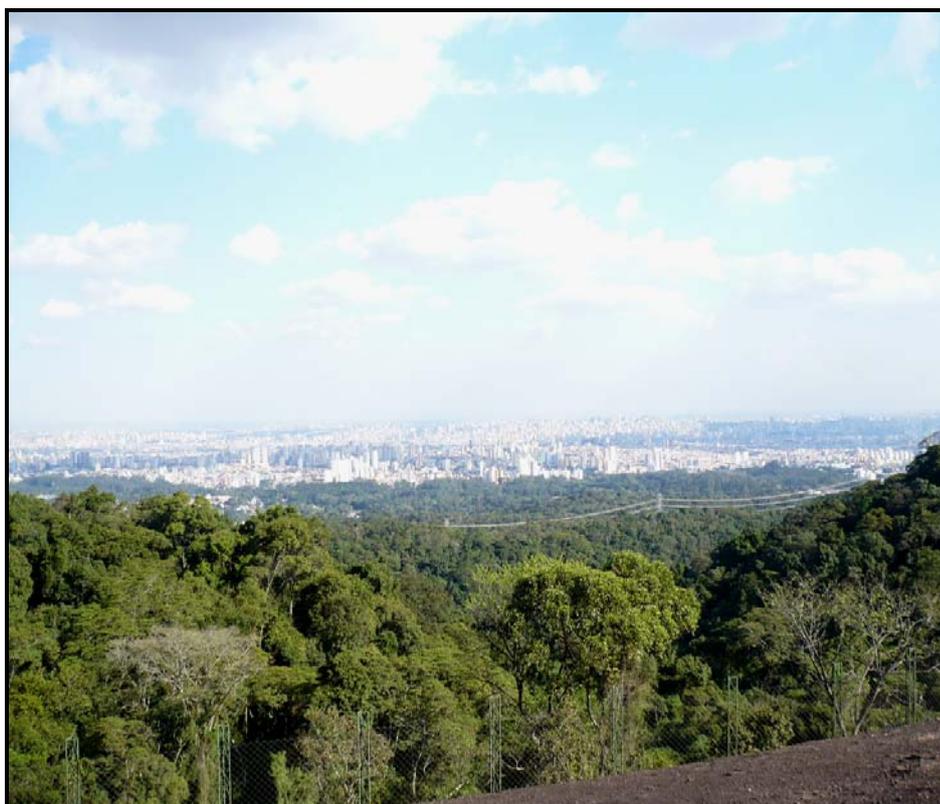


Figura 1: Vista da Pedra Grande.
Foto: César Juliano dos Santos Alves, set/2008.

Outro ponto propício para a contemplação da natureza está localizado no Lago das Carpas (Figura 2), uma área bosqueada com infra-estrutura para piquenique e descanso. Entre os elementos ao redor do Lago das carpas que compõe a paisagem, destaca-se uma formação de bambú (*Bambura sp.*) no meio da área bosqueada e a presença de alguns pinheiros (*Pinus sp.*), espécies exóticas na Mata Atlântica.



Figura 2: Paisagem do Lago das Carpas.
Foto: César Juliano dos Santos Alves, set 2008.

Ao longo das trilhas, a paisagem do Núcleo Pedra Grande é composta por elementos da Mata Atlântica. A composição da cobertura vegetal nas áreas mais baixas do núcleo é típica da floresta úmida, própria da Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa). (RAIMUNDO, 2006). Essa característica propicia a biodiversidade em espécies da flora e da fauna. A flora é composta por espécies nativas, e algumas espécies exóticas. A fauna, também apresenta grande biodiversidade, principalmente no número de espécies de aves. O macaco bugio (*Allouata clamitans*) é o exemplar da fauna mais frequentemente observado no decorrer das trilhas do núcleo, devido ao seu tamanho, chega a ter até 1,20m de comprimento da cabeça até a calda e pela abundância dessa espécie na região, sendo considerada símbolo do P.E.Cantareira.

A PERCEÇÃO AMBIENTAL DOS VISITANTES NO PARQUE ESTADUAL DA CANTAREIRA

Foram aplicadas trinta entrevistas no público frequentador do Parque nos

finais de semana. Para a sua aplicação, uma primeira conversa informal com o entrevistado foi realizada pelo entrevistador a fim de observar em seu discurso características elementares pertinentes que o aproximasse ao tema proposto pelo trabalho, sendo esse o principal fator para a escolha da amostragem, no caso intencional. Para cada entrevistado foi explicado o caráter da entrevista e seu objetivo, para manter uma relação mais direta e proporcionar um contato maior com o entrevistado na hora da entrevista. Alguns dos entrevistados, foram abordados em conjunto, complementaram o discurso um do outro no discurso das respostas, caracterizando um compartilhamento mútuo da percepção experienciada, e foram considerados como uma entrevista. A entrevista contou com uma série de cinco perguntas não estruturadas, para explorar o discurso do entrevistado, oferecendo mais elementos a serem analisados.

Para a análise de dados, as informações dos discursos foram analisadas e extraídas as principais informações, reduzidas em assertivas significativas, podendo assim fazer a formulação dos sentidos, e colocadas em distintas categorias, para sua análise exaustiva do conteúdo e seus significados no discurso.

De acordo com os discursos, foram formulados alguns sentidos para as assertivas encontradas nos discursos e colocadas em conjunto de temas analisados. As tabelas 1, 2 e 3, a seguir trazem os resultados dessas análises. As formulações possibilitaram a construção das essências de cada tema, na qual foi descrita toda a relação existente entre elas, a fim de uma profunda investigação do fenômeno estudado.

Tabela 1: Significado da Cantareira

Formulação dos sentidos	Nº de incidências no discurso	%
- Oportunidade de contato e interação com a natureza preservada	10	33,3%
- Remanescente de Mata nativa na cidade	9	30%
- Qualidade de vida	4	13,3%
- Manutenção das tradições culturais	3	10%
- Interação social	3	10%
- Aproximação com o criador	3	10%
- Parte integrante da vida do homem	2	6,6%
- Nenhum significados	2	6,6%
- Volta às origens do ser humano	1	3,3%
- Patrimônio da sociedade	1	3,3%

Elaborado pelos autores.

A grande maioria dos entrevistados frequentaram o núcleo Pedra Grande mais de uma vez, e uma parcela frequente há anos, principalmente os entrevistados que moram nas proximidades do Parque. A principal motivação apresentada pelos entrevistados é a busca do contato com uma paisagem diferente de São Paulo, muitas vezes referenciadas como “selva de pedra”, devido às formas que constituem a paisagem serem na sua maioria de concreto, como os prédios e as calçadas. As formulações mais frequentes que dão o sentido de significado para os entrevistados foram “remanescente de mata nativa na cidade” e “oportunidade de contato e interação com a natureza”. Essa frequência deve-se ao fato da escassez dessas áreas para a prática do lazer na cidade. Essa busca pelo contato com a natureza e a construção de uma área preservada em São Paulo, como uma “ilha natural” no meio a “selva de pedra”, caracteriza um arquétipo de “natureza intocada”, frequente também nos discursos. Alguns entrevistados atribuíram o significado de “pulmão” de São Paulo, “ar puro”, que foram entendidos com sentido de “qualidade de vida”, assim compreendido pela poluição no ar de São Paulo ser degradante para a qualidade de vida dos entrevistados. Para dois entrevistados, moradores de São Paulo, mas com origem na Região Sul do país, a ida ao Parque é para a “manutenção das tradições culturais”, explicado em seus discursos ser normal se encontrarem em Parques no momento de lazer para interação social.

Tabela 2: Características do Parque que trazem sensações e emoções aos visitantes.

Formulação dos sentidos	Nº de incidências nos discursos	%
– Contraste do cotidiano com a prática de lazer desenvolvida	16	53,3%
– Observação da fauna em seu habitat natural	14	46,6%
– Contraste da cidade e a mata avistada na Pedra Grande	10	33,3%
- Baixa demanda de visitantes	1	3,3%
– Ruídos emitidos pela fauna	6	20%
– Apreciação da paisagem natural do Núcleo	6	20%
– Observação da flora	5	16,6%
– Contemplação da paisagem do Lago das Carpas	4	13,3%
– Cheiro da mata	4	13,3%
– Saudações entre os visitantes	4	13,3%
– Silêncio no decorrer da visita	3	10%
– Prática de lazer em mata fechada	3	10%
– Contato com a umidade do ar	2	6,6%
– Contato sensorial com elementos da natureza	2	6,6%
– Trilhas com percurso em terra	1	3,3%
– Conservação do Núcleo	1	3,3%

Elaborado pelos autores.

As principais características como “observação da fauna”, “apreciação natural da paisagem do núcleo” e “silêncio no decorrer da visita” remeteram no discurso de alguns entrevistados uma comparação com outros parques urbanos da cidade, como o Ibirapuera, Parque Estadual do Jaraguá e Parque Estadual Alberto Loefgrem (Horto Florestal), principalmente em relação ao número excessivo de visitantes que esses parques comportam nos finais de semanas e a infra-estrutura. Reforçam essas informações o fato de o Núcleo Pedra Grande possuir uma visitação menor do que esses citados, e o percurso da trilha da Pedra Grande ter uma grande extensão, que associada à dinâmica no momento de visitação não possibilita áreas que aglomerem muitos visitantes. O espaço natural contido nesses Parques também se diferencia por possuírem áreas mais abertas. Aparece como má sensação nas entrevistas o fato desse silêncio ser quebrado por outros visitantes e o lixo encontrado nas trilhas como impacto negativo da visitação. É frequente o avistamento da fauna, pela facilidade e a frequência que os visitantes tem para a

observação de algumas espécies, como o macaco bugio (*Allouatta clamitans*), devido a sua abundância no Parque, para alguns dos entrevistados, é frustrante não observá-los. Outra característica apresentada nos discursos, na formulação “ruídos emitidos pela fauna”, tem o destaque da sonorização da espécie citada acima, o “ronco” ecoado na mata é demasiadamente forte, e é uma característica apontada em alguns discursos. Percebe-se então que a percepção sensorial, ou através dos sentidos é evidenciada também, como “o cheiro da mata” e “o contraste paisagem avistada da Pedra Grande” e “contato sensorial com elementos da natureza”, onde foi notado algumas interações do visitante, como o ato de retirar seus calçados, ou em cima da Pedra Grande, ou na Bica d’água ou abraçar as árvores, que aparece nos discursos como um contato mais intenso com o meio ambiente. A formulação de sentido “contraste da cidade e da mata avistada da Pedra Grande” vem a ser o principal expoente de contemplação da paisagem no Parque, remetendo os entrevistados a uma comparação com o cotidiano na cidade. A formulação de sentido “contraste do cotidiano com a prática de lazer desenvolvida” foi elaborada de acordo com a diferença entre as sensações apontadas nos discursos e a vida cotidiana do trabalho caracterizada pela maioria dos entrevistados como estressante, principalmente para aqueles que exercem sua atividade em ambientes fechados.

As experiências e valores podem ser remetidos as diferentes funções que o lazer tem. A formulação “conscientização sobre práticas ambientais positivas” e “tomada de consciência sobre a conservação do meio ambiente” atendem as expectativas da função de desenvolvimento pessoal e social, freqüente nos discursos dos entrevistados. Pode-se inferir que a vivência com a paisagem natural e seus elementos, ajuda no processo de cognição dos entrevistados, fazendo com que eles gerem condutas pró-ambientais no seu cotidiano. Outras formulações freqüentes são a “reparação das condições físicas e mentais” e a “fuga do cotidiano do trabalho e suas relações” que demonstram uma função de descanso do lazer, devido as relações de estresse no cotidiano do trabalho, presente na maioria dos discursos. A atividade de lazer no Núcleo torna-se uma “válvula de escape” para

esses entrevistados. As diferentes funções não aparecem como dicotômicas, em alguns discursos, uma leva a outra.

Tabela 3: Experiência e Valores atribuídos à visita ao Parque

Formulação dos sentidos	Nº de incidências nos discursos	%
– Tomada de consciência sobre a conservação do meio ambiente	12	40%
– Reparação das condições físicas e mentais	10	33,3%
– Conscientização sobre práticas ambientais positivas	9	30%
- Fuga do cotidiano do trabalho e de suas relações	7	23,3%
– Procura de um equipamento de lazer voltado à natureza	7	23,3%
– Qualidade de vida através da atividade física	6	30%
– Qualidade no ar	5	16,6%
– Convívio social	4	13,3%
- Reflexão	4	13,3%
– Re-ligação com a natureza	4	13,3%
– Equilíbrio emocional	2	6,6%
– Apreciação do contato com a natureza	1	3,3%
– Relaxamento e tranquilidade	1	3,3%

Elaborado pelos autores.

A busca por descanso, através da experiência do contato com os elementos constituintes da natureza, remete a geração de condutas ambientais. A “procura de equipamentos de lazer voltados à natureza” aparece em alguns discursos dos entrevistados devido às comparações com outros tipos de equipamentos, como o *shopping*, representando uma reprodução dos elementos contidos na paisagem da cidade e academias esportivas, devido a prática de atividades físicas em ambiente fechado. A prática de atividades, como a corrida, foi bastante citada pelos visitantes, tendo uma interação com um espaço aberto. Nesse sentido, esta prática é mais motivadora quando associada à formulação “qualidade do ar”, esta como um tipo de experiência, pela diferença perceptiva entre o ar respirado no núcleo com o ar respirado na cidade. Assim, a prática esportiva em espaços abertos é favorecida pela qualidade do ar. A formulação “reflexão” trás consigo a questão da interiorização do visitante, a busca de relaxamento, onde a prática da meditação é citada como forma para alcançar essa experiência. Para a maioria dos

entrevistados, o parque sempre correspondeu às expectativas por eles almeçadas antes da visita, muitas vezes até as superando, pelo contato com os elementos constituintes da paisagem do núcleo.

Na análise da percepção dos visitantes, nota-se que há uma identidade criada pelo P.E.Cantareira, devido ao contato com uma realidade diferente da cotidiana. Os visitantes que frequentam o núcleo criam hábitos na sua vivência, que tornam particular o espaço visitado. Alguns, pela condição do cotidiano do trabalho, citada como uma experiência negativa, relatam esperar com ansiedade os finais de semana para praticar sua atividade de lazer no núcleo, como uma experiência positiva. Nessa relação trabalho e lazer, a idéia de “lugar” é estabelecida a esse espaço pela maioria dos entrevistados, por manifestarem um vínculo afetivo de acordo com o espaço, criando um estilo particular de vivência nessa paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das percepções dos visitantes do núcleo Pedra Grande apontou a criação de uma imagem do parque de patrimônio para os cidadãos, devido aos elementos naturais encontrados na sua paisagem que diferem o P.E.Cantareira de outros parques existentes em São Paulo, que possibilitam também o contato com elementos da natureza. O encontro com espécies da fauna como o bugio traz um impacto positivo, pelo fato dessa espécie ser encontrada em seu ambiente natural. Porém essa identidade só se remete aos frequentadores do núcleo, não para os cidadãos como um todo, devido à falta de divulgação e do conhecimento dos próprios sobre o núcleo. A demanda relativamente baixa em comparação com outros parques é uma explicação dessa falta de divulgação. Os visitantes acham positiva essa baixa demanda, pois podem explorar mais suas sensações e emoções na vivência com a natureza do núcleo, sendo que muitas vezes é colocada a visitação pública como um impacto negativo na visitação de outros parques.

O método fenomenológico aplicado à percepção, proporcionou um estudo mais profundo dos visitantes, tornando mais consistente a investigação dos gostos, dos anseios dos visitantes, proporcionando maior quantidade de dados para serem trabalhados por gestores de Unidades de Conservação e planos de manejo, que envolvam uso público. A partir dessas informações, novos estudos podem ser desenvolvidos, com a aplicação de entrevistas aos visitantes para validar/reforçar os resultados aqui apresentados.

O núcleo Pedra Grande apresentou uma importância relevante para a prática de lazer em contato com a natureza para os cidadãos. Pelo fato de parte da sua área compreender-se na cidade de São Paulo, a facilidade no acesso é importante para essas práticas, sendo que a paisagem encontrada, típica da Mata Atlântica não exige grandes deslocamentos para áreas do interior ou litoral paulista, onde esse ambiente predomina na paisagem.

O percurso da Trilha da Pedra Grande é longo, porém com uma estrutura que facilita a prática da caminhada ou da corrida no núcleo, o que também atrai os visitantes para uma vivência prolongada em uma paisagem natural que está em constante movimento. A vista da Pedra Grande da cidade é um ponto que traduz o que é a cidade para o paulistano, e ajuda no processo de cognição. O contraste existente na paisagem natural com a urbana também remete ao visitante pensar no contraste que diferencia o seu cotidiano e a prática de um lazer em contato com a natureza.

NOTAS

[1] CHENITZ, C.; SWANSON, J. M. **From practice to grounded theory**: qualitative research in nursing. Califórnia: Addison Wesley Publisher, 1986.

[2] BRASIL. Lei n. 9985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Lex**: Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9985.htm>. Acesso em 20 de setembro de 2008.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. **Licere**, Belo Horizonte, v. 08, n. 01, p. 79-92, 2005.

BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, H. T. (Org). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 125-140.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. Tradução de Maria de Lourdes Santos Machado. 3 ed. São Paulo: Perspectiva. 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, S. T. L. **Paisagens: aprendizados mediante as experiências: Um ensaio sobre interpretação a valoração da paisagem**. 2007. 160 f. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MACEDO, R. L. G. et al. Pesquisas de percepção ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em unidades de conservação. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2.; CONGRESSO NACIONAL DE ECOTURISMO, 6. 2005, Itatiaia. Disponível em: <www.physis.org.br/ecouc/isncricoes.html>. Acesso em 23 de julho de 2008.

MACHADO, L. M. C. P. Paisagem, ação, percepção e cognição. In: OLIVEIRA, L.; MACHADO, L. M. C. P. (org) **3º encontro interdisciplinar sobre o estudo da paisagem**. Rio Claro, 11 – 13 maio. UNESP. 1998.

MARIOLI, A. C. **O método fenomenológico na comunicação**. Disponível em: <www.facasper.com.br/turismo/pdf/artigo2_antoine_metodo_fenomenologico.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Traduzido por Carlos

Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Mantin Fontes, 1999.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2004.

NEIMAN, Z. **A educação ambiental através do contato com a natureza**. 2007. 239 f. Tese (Doutorado em psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

RAIMUNDO, S. A paisagem natural remanescente da Região Metropolitana de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 20, p. 19-31, 2006.

REQUIXA, R. Conceito de lazer. São Paulo. **Revista problemas brasileiros**, São Paulo, nº 97, p. 01-11, 1971.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS FILHO, J. C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 13-55.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, C. L. Cognição ambiental e leitura da paisagem urbana: teoria e prática. In: OLIVEIRA, L.; MACHADO, L. M. C. P.(org). **3º encontro interdisciplinar sobre o estudo da paisagem**. Rio Claro, 11-13 maio. UNESP. 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

YAZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

RESUMO

Devido ao crescimento das cidades, o meio ambiente natural (pouco transformado) encontra-se escasso nesse tipo de paisagem. Por causa disso, os cidadãos não estão acostumados a viver, em seu cotidiano, experiências em meio a natureza. O objetivo do presente trabalho é analisar os visitantes do Parque Estadual da Cantareira – Núcleo Pedra Grande, situado na zona Norte da cidade de São Paulo, no seu momento de lazer, identificando as interações e as descobertas em contato com uma paisagem atípica do seu cotidiano. A metodologia de pesquisa utilizada foi a fenomenologia, que proporcionou um estudo mais profundo da percepção dos visitantes. A investigação mostrou que os visitantes consideram o Parque um patrimônio na cidade de São Paulo e as funções do lazer “descanso” e “desenvolvimento” foram as mais frequentemente encontradas.

Palavras-chave: Lazer. Percepção Ambiental. Meio Ambiente. Valorização da Paisagem. Unidade de Conservação. Fenomenologia.

ABSTRACT

Due to the growth of cities, the natural environment is scarce in this type of landscape. Because of this, the townsman is not used to live in their daily life, experiences in the nature. The objective of this paper is to analyze the visitors of the Cantareira State Park – Núcleo Pedra Grande, situated in the north of the city of São Paulo, State of São Paulo, identifying in their leisure time the interactions and discoveries in contact with an atypical landscape of their daily lives. The methodology of research used was the phenomenology, which provides a deeper study of the perceptions of visitors. The research showed that visitors consider the Park a patrimony in the city of São Paulo and the functions of leisure named “repose” and “development” were the most frequently founded.

Key words: Leisure. Environmental Perception. Environment. Landscape Valuation. Protected Areas. Phenomenology.

Informações sobre os autores:

[1] César Juliano dos Santos Alves – <http://lattes.cnpq.br/3259740918548632>

Graduando do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – USP

Contato: cesar_jsalves@yahoo.com.br

[2] Sidnei Raimundo – <http://lattes.cnpq.br/035206054192132>

Geógrafo, Mestre em Geografia [Geografia Física, FFLCH – USP, São Paulo] e Doutor em Ciências (Geografia, na área de análise ambiental e dinâmica territorial, UNICAMP, Campinas). Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) no curso de Lazer e Turismo. Desenvolve sua linha de pesquisa no manejo de áreas protegidas, análise espacial, Geografia do Lazer e do Turismo e gestão de recursos naturais.

Contato: sraimundo@bol.com.br